

Congregação das Irmãs de Santa Catarina Virgem e Mártir

Beata Regina Protmann

VIDA-FÉ-CARISMA

Regina Protmann nasceu em 1552, em uma família católica rica e nobre, de pais respeitáveis, Peter Protmann e Regina Tingels. Ela era cidadã de Braunsberg, na diocese de Varmia. Era uma moça bonita, inteligente e sábia, cheia de talentos. Durante sua infância e juventude, sabia como vestir-se com elegância, superando suas companheiras e inclinada à vaidade mundana.



EDUCAÇÃO NA FÉ

A nobre família Protmann temia a Deus. Com esse espírito, seus pais educaram os filhos, inclusive Regina, que frequentava regularmente a missa, preparando-se para receber os sacramentos. Se impenhava em viver a Palavra de Deus e os sacramentos. Ouvia as homilias aos domingos, especialmente dos padres jesuítas. Essas práticas influenciaram a alma de Regina, mesmo que, aparentemente, ela continuasse a viver de forma indiferente.

EXPERIÊNCIA PESSOAL COM DEUS

Certo dia, a graça de Deus brilhou no coração de Regina. Aos 19 anos de idade, passou por uma mudança existencial. Com a graça do Espírito Santo, ela teve uma experiência pessoal com Deus, o Pai, que a ama, e com Jesus que a convida a olhar além das paixões mundanas. Regina, quis conhecer melhor Jesus e entender seu chamado, direcionado a ela como ao jovem rico: “Vá, vende tudo e segue-me”, busca ajuda nas homilias e na direção espiritual dos padres jesuítas que vivem e trabalham na cidade. Esse compromisso

de crescer na fé, intimidade com Jesus, é graça de Deus. No mesmo ano, deixou sua família e foi viver com duas companheiras junto a uma piedosa viúva, para dedicar-se a oração, a penitência e a servir os necessitados. A vida consagrada para Regina é contemplação e ação, ou seja, deixar-se amar por Deus, amá-Lo e reconhecê-Lo em todas as pessoas, especialmente nos idosos, nos doentes ou naqueles que necessitam de educação cristã e intelectual.

RELAÇÃO FILIAL COM DEUS PAI

Para Regina Protmann, Deus é o “Senhor” de sua vida. Confiou-se à Providência Divina e ao Seu grande amor, *“para que nenhuma criatura humana me distraia, mas somente Tu Deus, nosso Senhor”*. Ela deseja que esse amor de Deus a “abrase inteiramente” a fim de “estar totalmente unida” a Deus, seu Senhor. Ele é um Deus providente e Regina buscou sua vontade em todos os momentos. Ela expressa isso em sua oração e em seu lema: “Como Deus quiser”. De fato, ela descobre essa vontade de Deus na meditação e contemplação da Palavra de Deus, no diálogo com suas coirmãs e com as autoridades eclesiais.

RELAÇÃO ESPONSAL COM JESUS

Jesus é o seu Amantíssimo Esposo. Em sua oração, se dirige a Ele como uma esposa que suplica: *“Estejas tu somente no meu e eu no Teu coração para que eu possa agradecer a Ti eternamente (...) Oh, Senhor Jesus, doçura da minha alma, amante do meu coração, quando te amarei perfeitamente? Quando, meu dulcíssimo Esposo, Te receberei interiormente nos braços de minha alma indigna e ali repousarei eternamente?”* Regina cultivava um relacionamento de comunhão com Jesus na oração, na adoração, no encontro Eucarístico e nos sacramentos. No Evangelho contempla Jesus em sua paixão, morte e ressurreição.

VIDA ESPIRITUAL

Regina é uma pessoa de fé e de confiança em Deus. Isso está expresso em sua biografia: *“ela não era como uma cana que se deixa soprar e mover pelo vento: ao contrário, permaneceu constante em seu feliz propósito, nem se deixou desviar, pois era impulsionada pelo Espírito Santo. Ela sabe em quem depositou sua fé e está certa de que Ele é capaz de guardá-la (cf. 2 Tm 1,12), de sustentá-la diante de desafios, mal-entendidos, dificuldades e calú-*

nias. Ela reza pelas pessoas que lhe são hostis. Regina Protmann é uma pessoa de vida virtuosa, devotada a oração, a missa, ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora. Suas virtudes se manifestam em sua vida humilde e disciplinada; ela é forte nas adversidades, paciente, respeitosa e caridosa com as pessoas e com a autoridade da Igreja. Ela submete seu corpo a penitência. Ela demonstra essa força de espírito ao longo de oito semanas na última doença. Suporta a enfermidade com grande paciência: “como Deus quer”.

CARISMA

A comunhão com Deus e a vida espiritual de Regina Protmann a prepararam para receber o dom e a graça da compaixão de Jesus. Um dom que Deus lhe concedeu (carisma) para a Congregação e a Igreja. Ela vê Jesus na pessoa idosa, solitária ou abandonada. Encontra Jesus na pessoa doente ou ferida, descuidada de sua cidade. Descobre Jesus nas meninas que não podem ir à escola porque são pobres. Para Regina, a mulher é o pilar da família e, por isso, ela considera necessário cuidar de sua educação cristã e intelectual. Este seu modo de pensar vem acompanhado de ações concretas. Regina e suas companheiras se contentam com pouco, para compartilhar com os outros. Sua casa em ruínas, perto da igreja, que possuía como herança, estava vazia: sem armários, cômodos, cadeiras...

Regina e suas primeiras companheiras sofrem com a fome e o frio. Quando encontram comida, compartilham-na sobre um barril. No entanto, mesmo nessas condições, elas acolhem as meninas para educá-las, visitam os doentes e idosos, levando-lhes sopa quente, chás e remédios caseiros.

Para expressar seu amor, cuidado e ternura ao Amantíssimo Jesus, cuida dos ornamentos para a celebração eucarística, dedica tempo à adoração e ao culto divino. Para Regina, Jesus é o Rei dos reis. Sua presença no tabernáculo, no altar durante a celebração e adoração, deve ser cuidada com a máxima atenção.

Regina Protmann está comprometida com a Igreja local e universal. Ela foi capaz de pensar antecipadamente na congregação, na igreja e na sociedade, convidando suas irmãs a se abrirem aos sinais dos tempos. A iniciativa que Deus tomou e realizou com Regina Protmann é duradoura. Ela mesma fundou quatro comunidades. A vida e as obras realizadas junto com suas coir-

mães são conhecidas e apreciadas fora das fronteiras de Varmia, por meio das visitas ad limina.

Hoje, nós, suas filhas, vivemos em 4 continentes e em 13 países.

Regina Protmann partiu para a casa do Pai em 18 de janeiro de 1613, deixando um testamento espiritual para suas filhas, exortando-as a *“andarem sempre fielmente diante de Deus, o Senhor, de Jesus e do povo, com profunda humildade, verdadeira paciência, perfeita obediência e caridade cristã...”*.

Regina Protmann foi proclamada Beata em 13 de junho de 1999, em Varsóvia, pelo Papa São João Paulo II. Em sua homilia o Papa disse: *“A Beata Regina Protmann, fundadora da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, Virgem e Mártir, dedicou-se de todo o coração ao trabalho de renovação da Igreja nos séculos XVI e XVII. Sua atividade, que se originou do amor a Cristo acima de tudo, aconteceu após o Concílio de Trento. Ela se envolveu ativamente na reforma pós-conciliar da Igreja, realizando uma humilde obra de misericórdia com grande generosidade. Fundou uma Congregação que unia a contemplação dos mistérios de Deus com o cuidado dos doentes em seus lares e a educação de crianças e moças jovens. Ela dedicou atenção especial ao cuidado pastoral das mulheres. Esquecendo-se de si mesma, a bem-aventurada Regina abraçou as necessidades do povo e da Igreja. As palavras: “Como Deus quiser” tornaram-se o lema de sua vida. Seu amor ardente a impelia a fazer a vontade do Pai celeste, seguindo o exemplo de seu Filho Jesus. Ela não tinha medo de abraçar a cruz do serviço diário, dando testemunho do Cristo ressuscitado”*.

Após 25 anos de sua beatificação, 15 de suas Irmãs, seguindo seus passos, serão beatificadas. Irmã Christophora Klomfass e 14 companheiras sofreram o martírio por causa da fé em Deus, por amor a Jesus e para proteger as pessoas que lhes eram confiadas durante a Segunda Guerra Mundial

Escutemos o que as Irmãs da Congregação de Santa Catarina, mártires da Segunda Guerra Mundial, vítimas do comunismo, desejam nos dizer hoje.

Irmãs de SC mártires da Segunda Guerra Mundial

Irmã M. Christophora - Marta Klomfass

Nasceu em 19/08/1903, em Raschung (hoje Raszał), em Várnia. Seus pais, August Klomfass e Rosalia (nascida Such) a batizaram na igreja paroquial de São João Batista em Bischofsburg (Biskupiec), dando-lhe o nome de Marta. Lá, ela também recebeu a Primeira Comunhão. Ela era a quarta filha de uma família numerosa e carinhosa. Concluiu a escola primária em Raszał e, em seguida, a escola de costura em Biskupiec. Era uma pessoa cheia de alegria, com um grande senso de humor, sempre disposta a ajudar os outros e adorava cantar.



Aos 19 anos, Marta ingressou na Congregação das Irmãs de Santa Catarina em Braunsberg (Braniewo). As Irmãs notaram sua vocação para o cuidado dos enfermos e a enviaram para estudar enfermagem por dois anos em Königsberg (Królewiec). Em 1926, após completar a formação profissional, receber o diploma e concluir o postulante, foi admitida no noviciado. Durante os votos, recebeu o hábito religioso e um novo nome, Christophora, que significa “*portadora de Cristo*”. No dia 25/04/1928, professou os votos religiosos.

Foi enviada para sua primeira missão em Schönbrück (Sząbruk), onde serviu como enfermeira paroquial. Além disso, cuidava dos paramentos litúrgicos e da preparação das Missas. Mais tarde, no mesmo ano, foi enviada a Frauenburg (Frombork) para trabalhar em uma casa de repouso e cuidados ortopédicos. Permaneceu por apenas um ano, pois, em 1929, foi transferida para Groß-Bertung (Bartąg), para prestar assistência ambulatorial aos residentes. Em 1931, fez os votos perpétuos.

A partir de 1934, seu próximo local de trabalho foi o Hospital de Santo Antônio, em Wartenburg (Barczewo), onde atuava como assistente durante cirurgias. Em 1939, foi transferida para Allenstein (Olsztyn), onde, no hospital municipal, foi designada como primeira assistente médica na sala de cirurgi-

as, além de receber a responsabilidade de diretora da escola de enfermagem para moças, localizada ao lado do hospital. Ela sempre dizia às suas alunas: *“Primeiro, é preciso entrar na capela e dar glória a Deus; depois, ir para a enfermaria e servir os doentes”*.

No final de 1944, o hospital estava cheio de doentes. Muitos refugiados chegavam do leste, onde já se travavam violentos combates. As Irmãs de Santa Catarina estavam cientes de que a incursão do Exército Vermelho poderia colocar em risco suas vidas e as dos doentes que assistiam. Os diversos grupos de pessoas que chegavam falavam repetidamente sobre a brutalidade dos soldados e a hostilidade em relação à fé católica. A Irmã M. Christophora, ao ouvir tudo isso, sem ainda imaginar o que a aguardava, reagiu com coragem e firmeza, afirmando em voz alta que jamais se deixaria subjugar e que preferiria doar a vida. Ela estava consciente de que sua missão era levar Cristo. Considerava que abandonar os doentes significaria abandonar a Deus.

No início de janeiro de 1945, as autoridades do hospital tentaram organizar a evacuação dos pacientes, mas o rápido avanço das tropas soviéticas em Várnia tornou esses esforços impossíveis. Na noite entre 21 e 22/01/1945, as tropas da Segunda Frente Bielorrussa ocuparam Olsztyn. A maioria dos pacientes do hospital já estava na estação ferroviária, enquanto o último grupo, impossibilitado de deixar o edifício, refugiou-se no porão. A Irmã M. Christophora foi uma das últimas enfermeiras a chegar ao abrigo, pois havia trabalhado na sala de operações durante toda a noite. Após a entrada dos soviéticos, em meio a confusão e gritos, um dos soldados a deteve e a levou para um local isolado. Apesar do medo, com sua característica firmeza, ela lutou heroicamente para defender sua castidade e não se rendeu até o fim. Provavelmente, ela morreu na tarde de 22/01/1945, aos 42 anos. Foi sepultada no cemitério do hospital. Após a exumação, realizada em 2020, seu corpo foi transferido para Braniewo, onde agora repousa no cemitério ao lado do Convento. A morte dessa indomável freira e enfermeira foi verdadeiramente heroica, sendo a primeira de mais de cem Irmãs de Santa Catarina, vítimas da Segunda Guerra Mundial.

Irmã M. Liberia – Maria Domnick

Nasceu em 12/10/1904, em uma pequena casa florestal perto de Klawnsdorf-Waldhaus (Gajówka Klewińska), próximo a Rössel (Reszel), em Várnia. Józef Domnick e Maria (nascida Reiss) levaram a filha para ser batizada em Legienen (Leginy), na igreja paroquial de Santa Maria Madalena, e deram-lhe o nome de Maria. Ela era a segunda de nove filhos. Recebeu a Primeira Comunhão em 9/07/1916. Frequentou a escola primária em Siemanowen (Szymanowo). Após concluir a escola, os pais a enviaram para Reszel, onde frequentou um curso de costura, e, em seguida, ajudou o pai no escritório florestal. Posteriormente, descobriu sua vocação religiosa e desejou ingressar na Congregação das Irmãs de Santa Catarina.



Após um período de formação inicial, que lhe permitiu consolidar sua decisão, Maria foi enviada para a escola de enfermagem de Königsberg (Królewiec). Após completar os estudos, em 20/10/1930, foi admitida no noviciado na casa-mãe em Braunsberg (Braniewo). Nesse dia, recebeu o nome religioso de Liberia. Após dois anos de formação, em 20/10/1932, fez seus votos religiosos e foi enviada para Tirschtiel (Trzciel), perto de Meseritz (Międzyrzecz), onde trabalhou como enfermeira comunitária. Três anos depois, presumivelmente, após os votos perpétuos, foi transferida para um trabalho semelhante em Stuhm (Sztum), na Prússia Ocidental, onde começou imediatamente a cuidar de novos pacientes e de seus familiares. No atendimento aos doentes, destacava-se por sua gentileza, doçura e palavras de conforto.

Em 1939, iniciou a trabalhar no hospital municipal de Allenstein (Olsztyn) e seu principal local de trabalho foi a sala de cirurgias, onde alternava com a Irmã M. Christophora Klomfass, atuando como segunda instrumentadora durante as cirurgias.

A Irmã M. Liberia via sua vocação como um dom de si mesma aos mais fracos, aos doentes e àqueles que precisavam de ajuda. Ela era muito protetora, carinhosa e atenta com as crianças. Em janeiro de 1945, já estava interiormente pronta para doar sua vida até o fim. Juntamente com outras Irmãs de

Santa Catarina de sua grande comunidade, tomou a decisão de que, se tivesse que deixar o hospital, o faria com os doentes, jamais sem eles.

No dia 21 de janeiro, foi anunciada a necessidade de evacuar imediatamente os habitantes da cidade. Foram tomadas disposições apressadas para transportar os doentes até a estação ferroviária. A Irmã M. Liberia ajudou na evacuação do setor pediátrico. Cerca de 50 crianças-pacientes chegaram ao prédio da estação em condições difíceis e se esconderam em um abrigo. Não havia nada para comer ou beber e o frio penetrante predominava. No momento mais difícil, em meio ao caos e à fuga desesperada das pessoas, quando os soldados soviéticos chegaram à estação, ela disse: *“Ficarei com os doentes”*. As lágrimas e o sofrimento das crianças a levaram a agir. Sem olhar para o perigo, saiu do abrigo para ir à rua em busca de ajuda. Não estava assustada nem preocupada consigo mesma. Provavelmente, queria alcançar as casas próximas para procurar algo de comer e beber para seus assistidos. Ela morreu atingida por um tiro, na rua, perto da estação ferroviária. Até o último momento, compartilhou tudo o que tinha, servindo seus assistidos até o fim. Sacrificou-se por crianças doentes e indefesas, doando sua vida por amor e com um coração livre.

Morreu aos 41 anos, com um tiro na cabeça. Foi sepultada apressadamente no cemitério ao lado do hospital. Alguém pegou o projétil da arma que a atingiu e que estava ao lado de seu corpo, envolveu-o num pequeno pedaço de pano e o colocou em seu bolso, como se quisesse preservar essa evidência para as gerações futuras. O projétil era de um fuzil metralhador Tokarev, uma arma padrão entre os equipamentos do Exército Vermelho.

Irmã M. Mauritia – Anna Margenfeld

Originária de Engelswalde (Sawity) em Várnia, perto de Braunsberg (Braniewo), onde nasceu em 24/04/1904. Era a quinta filha de Franz e Marta (nascida Kuhn). Os pais a batizaram na igreja paroquial de Peterswalde (Piotrowiec), dando-lhe o nome de Anna. Eles eram agricultores e administravam uma fazenda.

Quando a filha concluiu a escola primária, a enviaram para a Escola de Economia Domés-



tica, gerida pelas Irmãs de Santa Catarina em Wormditt (Orneta). A permanência na escola e o contato com as Irmãs despertaram nela o desejo de seguir o caminho da vida religiosa.

Isso ocorreu em 1927. Como postulante, foi enviada para a escola de enfermagem de Allenstein (Olsztyn), situada nas dependências do hospital municipal. Em seguida, foi admitida no noviciado em 20/10/1930, onde recebeu o nome religioso de Mauritia. Fez seus primeiros votos em 20/10/1932, e sua primeira responsabilidade foi em Berlim, onde trabalhou como enfermeira.

Ela amava o trabalho de enfermeira e servia seus pacientes com dedicação. Enquanto cuidava da saúde física deles, frequentemente lutava pela saúde espiritual, que valorizava ainda mais do que a do corpo. Suas características incluíam uma grande paciência com os doentes, um sorriso gentil e cuidado genuíno com o bem-estar de seus assistidos. Seu trabalho no hospital de Berlim durou cinco anos, período em que também completou um curso de dietética hospitalar.

Em 1937, foi enviada de volta a Várnia, ao hospital municipal de Olsztyn, onde assumiu o cargo de chefe de dietologia. No trabalho sobre si mesma, especialmente nos momentos difíceis, que se tornavam cada vez mais frequentes, repetia insistentemente as palavras: *“Quero me tornar uma santa”*. As dificuldades frequentes não estavam apenas em seu trabalho hospitalar, mas, sobretudo, em seus relacionamentos com as autoridades públicas. Cada vez mais, as instituições religiosas enfrentavam perseguições e obstáculos. Quando a guerra chegou, em janeiro de 1945, as Irmãs do hospital decidiram permanecer com os doentes, vivendo seu serviço religioso como uma ajuda para as pessoas que necessitavam de cuidados profissionais e sustento espiritual.

Irmã M. Mauritia fez o seu melhor para cumprir suas tarefas diárias, mesmo sob os barulhos distantes da artilharia. Durante a evacuação do hospital, quando a maioria dos pacientes foi levada para a estação, o último grupo, junto com a equipe do hospital, teve que se refugiar no porão. Quando os soldados entraram no prédio, começaram a agredi-los com as coronhas das metralhadoras, puxões e enpurrões que até rasgavam as roupas. A Irmã M. Mauritia foi retirada do grupo, arrastada para fora do abrigo e, enquanto tentava se defender e gritava, recebia golpes cada vez mais fortes.

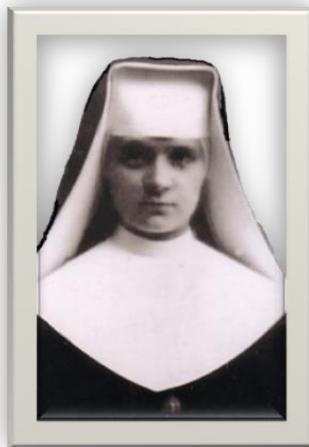
Ela conseguiu chegar até as Irmãs após algumas horas, escapando de seus perseguidores, após ter sofrido uma série de abusos. Foi então jogada na prisão com as outras Irmãs. Após dez dias, todas foram separadas para serem transferidas para outros locais. Ela foi levada a Przasnysz e depois a Zichenau (Ciechanów). Extremamente exausta, devido às agressões e maus-tratos, chegou a um campo da NKVD, de onde foi enviada para os gulags no interior da Rússia. Após uma longa viagem, o trem parou em Tula. Lá, a Irmã M. Mauritia foi encarregada de cuidar dos prisioneiros mais gravemente doentes. Ela entregou a Cristo todos os sofrimentos relacionados aos abusos sofridos, às privações da deportação e à vida cotidiana no campo. Na segunda metade de março de 1945, adoeceu de tifo. Deitada no barraco úmido, permaneceu calma e paciente. Estava pronta para a passagem. Repetia as palavras: *“Vou ao bom Deus”*. Faleceu em 7/04/1945, aos 41 anos. É lembrada como uma Irmã sorridente, que se preocupava mais em ajudar os outros do que a si mesma, tudo por amor a Deus.

Irmã M. Leonis - Käthe Elisabeth Müller

Nasceu em Gdansk (Danzica) em 3/02/1913 e recebeu o nome de Käthe Elisabeth. Era uma das três filhas de Bruno Ludwig e Anna Matilda (nascida Dams), pertencentes à classe média urbana. Foi batizada na igreja de São Nicolau. Aos seis anos, começou a escola primária e depois o ginásio. Era talentosa em música e amava poesia e matérias científicas.

Logo sentiu o desejo de ingressar na vida religiosa. Em 1932, Käthe entrou no convento de Braunsberg (Braniewo), aos 19 anos, onde, após concluir sua formação inicial no postulante, começou os estudos em um colégio católico para moças.

No dia 29/04/1936, entrou no noviciado e recebeu o nome religioso de M. Leonis. Em 2/05/1938, fez seus primeiros votos religiosos e disse às co-Irmãs: *“O marido das Senhoras é maravilhoso, mas o meu é o mais bonito de todos”*. Ao desfrutar dos votos recém-proferidos, com sua perseverança e forte vontade, quis desenvolver os ideais cristãos e o espírito religioso.



Foi enviada para trabalhar como professora no colégio feminino de Heilsberg (Lidzbark Warمیński). Provavelmente, seu trabalho em Lidzbark Warمیński teria durado mais se não fosse o avanço da Segunda Guerra Mundial, quando seus superiores a enviaram para Mehlsack (Pieniężno), em um hospital militar de campanha. Um grande número de refugiados e soldados poloneses feridos estavam alojados no edifício da casa da missão dos Padres Verbitas. Lá, Irmã M. Leonis encontrou muita miséria e sofrimento humano, aos quais não permaneceu indiferente. Após dois meses, voltou para Lidzbark Warمیński, onde ajudou no trabalho de educação das crianças. Em 1940, foi transferida para a casa do noviciado de Braniewo, onde recebeu a tarefa de assistente da mestre de noviças.

Na primavera de 1941, Irmã M. Leonis pronunciou conscientemente e com amor os votos perpétuos. Em suas anotações, ficaram registradas as palavras: *“Senhor, não permita que eu ame ninguém além de Ti”*.

Em 1942, foi transferida para Rössel (Reszel). Não querendo desperdiçar seu talento como educadora, foi designada para trabalhar como professora em um colégio, onde cuidava das meninas. No entanto, as autoridades nazistas, desejando afastar a Igreja do trabalho educativo, fecharam a escola e a Irmã M. Leonis retornou a Braniewo. Decidiu-se que ela deveria estudar farmácia, então ela foi para Königsberg (Królewiec) para iniciar os estudos na Universidade Albrecht. Gradualmente, a universidade foi se tornando cada vez mais influenciada pelos nazistas, que logo se tornaram dominantes na universidade pública. Essa situação causou grande sofrimento à Irmã M. Leonis, então, após dois anos de estudos, pediu para ser dispensada de continuar o curso universitário. Ela foi então enviada a Allenstein (Olsztyn), para ajudar no escritório administrativo do hospital municipal e também se encarregou da gestão da farmácia do hospital.

Em janeiro de 1945, junto com toda a sua comunidade e os setores do hospital, ela viveu a entrada da frente soviética. Seu caminho martirial começou em 21 de janeiro e durou quase cinco meses. Depois que as tropas do Exército Vermelho ocuparam o hospital, as Irmãs foram espancadas e ridicularizadas. Irmã M. Leonis sofreu estupros, abusos e lutou fortemente, resultando em uma fratura no crânio. Suportou heroicamente todo esse sofrimento e apenas o pensamento de que, assim, poderia expiar os muitos crimes cometidos contra a castidade, que ferem Deus, lhe dava força e coragem. Às Irmãs, que haviam vivido um drama semelhante, ela disse: *“Agora, temos a oportunidade de amar nossos inimigos, não de retribuir o mal com o mal”*.

A etapa sucessiva de seu martírio foi a prisão em Olsztyn, de onde foi enviada para Zichenau (Ciechanów). No campo de trânsito da NKVD, ela sofreu muito de fome, sede, desprezo e zombaria; também teve que se desfazer dos últimos símbolos de fé que tinha consigo.

No dia 16 de março, os prisioneiros foram divididos em três grupos. Irmã M. Leonis foi separada do restante das Irmãs. Chorando, ofereceu também essa dor a Deus em reparação pelos pecados do mundo. Ela foi deportada para o interior da Rússia. Morreu no dia 5/06/1945, devido aos ferimentos e à fome, em local desconhecido. Tinha 32 anos. Seu martírio foi particularmente amargo, mas suportado com grande amor por Jesus.

Irmã M. Tiburtia – Cécilia Mischke

Nasceu no dia 27/10/1888 em Krokau (Krokowo), em Varmia. Foi batizada na igreja de São Bartolomeu em Seeburg (Jeziorany) e recebeu o nome de Cécilia. Seus pais, Józef e Elisabeth (nascida Weissenfeldt), tinham uma fazenda e seu pai também gerenciava uma pousada. Frequentou a escola primária em sua cidade natal, Krokowo e Jeziorany. Crescendo em uma família numerosa que cultivava os valores católicos, manifestou desde pequena o desejo de se tornar freira. No dia 7/04/1907, a jovem de 18 anos, Cécilia, iniciou o período de formação para a vida religiosa em



Braunsberg (Braniewo); sua irmã mais velha já havia ingressado na Congregação. Em outubro de 1907, foi admitida no noviciado, recebendo seu novo nome, Tiburtia. No dia 12/10/1909, fez os votos religiosos, após os quais foi enviada para trabalhar como enfermeira no hospital de Bischofsburg (Biskupiec). Era enfermeira, mas não restaram registros de sua formação profissional. Muito sensível, compassiva e atenta às necessidades dos doentes, trabalhou lá por 12 anos. Em 1921, foi transferida para Klaukendorf (Klewki),

perto de Allenstein (Olsztyn), onde era responsável pela assistência médica paroquial. Também cuidava da limpeza e da decoração dos altares da igreja de São Valentim.

A partir do outono de 1944, os residentes começaram a receber notícias alarmantes sobre a aproximação da linha de frente da Guerra. Quando, no dia 21/01/1945, o barulho dos combates se intensificou, os habitantes estavam aterrorizados e não sabiam se deveriam fugir ou ficar. Foi, então, que a Irmã M. Tiburtia decidiu ir a Olsztyn, para se informar com as Irmãs de Santa Catarina, que trabalhavam lá, sobre a situação e o que fazer. Assim, começou seu Calvário, que duraria seis meses. Quando ela chegou até as Irmãs do hospital municipal, ficou claro que retornar a Klewki não era mais uma opção.

Quando os soldados soviéticos invadiram as salas do hospital, a Irmã M. Tiburtia foi espancada, chutada e maltratada várias vezes. Após alguns dias de tormentos e caos, todo o grupo de Irmãs de Santa Catarina foi levado para a prisão da cidade e, em seguida, para um campo em Zichenau (Ciechanów). Lá, as Irmãs, que se destacavam por seus hábitos, foram constantemente oprimidas e não podiam descansar. Suas barracas eram frequentemente mudadas e, sempre que um guarda entrava em uma sala, eram espancadas ou ridicularizadas. Depois de alguns dias, foi preparado um longo trem de gado, onde as pessoas foram amontoadas e levadas para o interior da Rússia. Após uma viagem de duas semanas, todos foram levados para um campo de trabalho fora da cidade de Tula.

Irmã M. Tiburtia foi forçada a trabalhar em uma barraca entre os prisioneiros mais gravemente doentes. Sem medicamentos e curativos, sua assistência se limitava à presença, à limpeza e ao transporte dos mortos. Para as Irmãs do campo, ela se tornou uma mãe que lhes dava força espiritual, apoiando-as com ajuda e orações. Em meados de abril, foi transferida para outro campo, que, hoje, sabemos que é o de Osanovo. Lá, cuidou dos doentes e sepultou os mortos até se esgotar, apesar das feridas. Ela faleceu entre os dias 7 e 10/08/1945, por exaustão e doença. Tinha 57 anos.

Irmã M. Sekundina – Barbara Rautenberg

Nasceu em 23/12/1887, na aldeia de Gologóra, em Varmia, filha de Andreas e Rosa Rautenberg, junto com seu irmão gêmeo. Foi batizada na igreja paroquial da Natividade da Bem-Aventurada Virgem Maria, em Skolita, e recebeu o nome de Barbara. As crianças de famílias agrícolas geralmente terminavam sua educação com a escola primária e, em seguida, ficavam na fazenda dos pais. No entanto, é provável que, enquanto ainda estava na casa da família, Barbara tenha adquirido a profissão de enfermeira.



Suas duas irmãs mais velhas entraram no convento das Irmãs de Santa Catarina em Braniewo. Em 1º/09/1909, Barbara seguiu os passos delas. Em abril de 1910, foi admitida no noviciado e recebeu o nome de Sekundina. Antes de fazer os votos religiosos, escreveu: “*Ó meu Jesus, serei fiel a Ti, mesmo que eu tenha que passar por espinhos*”. Em 29/04/1912, confirmou publicamente seu desejo de ser fiel a Deus para sempre. Após os votos religiosos, foi para Berlim trabalhar como enfermeira em um hospital. Com o início da Primeira Guerra Mundial, algumas Irmãs, incluindo a Irmã Sekundina, foram transferidas para um hospital militar em Brzeg, na Silésia. Lá, permaneceu por três anos, cuidando de soldados feridos de várias nacionalidades. Após essa missão, retornou ao hospital de Berlim. Trabalhou lá até 1922 e foi condecorada com a Cruz de Prata dos Cavaleiros de Malta, pelo serviço prestado aos soldados feridos. De Berlim, foi para Varmia e se estabeleceu em Olsztyn, em uma casa na rua Santa Barbara. Dedicou-se ao trabalho entre os doentes da cidade, fazendo turnos no posto de atendimentos e visitando os enfermos em suas casas.

Em 1932, foi transferida para Königsberg, onde também atuou na atividade ambulatorial. Lá, também cuidou das postulantes da Congregação que estudavam na escola de enfermagem. Com sua atitude de fidelidade aos votos e ao espírito da Congregação, conquistou o respeito dessas jovens e a disposição em serem acompanhadas.

Após cerca de sete anos de serviço, foi transferida para Kętrzyn, era entre 1938 ou 1939, e o trabalho das duas Irmãs que atuavam lá era cuidar da igreja de Santa Catarina, tocar o órgão, trabalhar com os jovens e fornecer assistência ambulatorial aos doentes. A experiência acumulada em trinta anos de trabalho, incluindo a prática com soldados feridos, fez da irmã M. Sekundina uma enfermeira muito respeitada, graças também a seus amplos conhecimentos médicos.

Durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, a vida em Kętrzyn continuou normalmente, mas, no início de 1945, a cidade se encheu de pessoas que fugiam do leste, aumentando o pânico. As Irmãs decidiram não se mover, vendo que parte da população ainda permanecia na cidade e nos arredores, impotente diante dos eventos repentinos. Elas não podiam pensar em salvar suas vidas abandonando seus vizinhos e paroquianos.

A entrada dos soviéticos na cidade, em 27 de janeiro, foi barulhenta e violenta. Começaram os saques e assassinatos. As duas Irmãs foram expostas ao escárnio de um grupo de soldados do Exército Vermelho. Um depoimento fala de um longo interrogatório, enquanto outro menciona a atitude firme da Irmã M. Sekundina durante os tormentos e interrogatórios a que foi submetida. Após um brutal estupro, um grande rosário, que ela usava na cintura do hábito, foi usado para estrangulá-la e arrastá-la, amarrada, na trazeira de um carro pelas ruas da cidade em chamas. Posteriormente, foi abandonada na rua. No momento da morte, Irmã M. Sekundina tinha 58 anos.

Irmã M. Adelgard – Agata Eufemia Bönigk

Nasceu em Stry Targ, perto de Sztum, na região de Powiśle, em 5/02/1900, junto com seu irmão gêmeo, filhos de August Bönigk e sua esposa Maria. A menina foi chamada Agata Eufemia e, ao menino, foi dado o nome de Bruno August. Quase uma semana depois, ocorreu o batismo na igreja paroquial de São Simão e São Judas Tadeu. O irmão mais velho, ao voltar da Primeira Guerra Mundial, entrou no Seminário de Braniewo para se tornar sacerdote. Também



Agata Eufemia pensava na vida religiosa. Nesta vocação, ela via sua felicidade e sua missão. As Irmãs de Santa Catarina trabalhavam em Old Market. Ela as encontrou na igreja paroquial. Viu que elas administravam uma creche e um orfanato na vizinha Sztum. Sabemos que Eufemia, antes de entrar no convento, já tinha formação pedagógica. Após a morte do pai, a família mudou-se para Braniewo, onde Agata Eufemia uniu-se à Congregação. Na primavera de 1924, foi admitida no noviciado e recebeu o nome de Adelgard. No dia 20/04/1926, fez seus primeiros votos religiosos. Jurando diante do altar castidade, pobreza e obediência, decidiu conscientemente colocar todo o seu potencial, humano e espiritual, nas mãos de uma nova família religiosa. Foi enviada ao pensionato de crianças de Braniewo. Tratava-se de um internato, operando sob o patrocínio do bispo de Várnia, que abrigava cerca de 80 estudantes do ensino secundário. As Irmãs eram responsáveis pelo serviço de convivência e pela gestão da cozinha.

Após um ano de trabalho, foi enviada a Lidzbark Warمیński para um ministério tipicamente educativo, em um orfanato de crianças, administrado pela Caritas da diocese de Várnia. No dia 30/04/1932, pronunciou os votos perpétuos na capela Regina Coeli, em Braniewo. Em 1938, a Irmã M. Adelgard foi transferida de Lidzbark para Braniewo, desta vez para trabalhar em uma instituição educativa para meninas moralmente em situação de risco. A Casa Santa Isabel era administrada pelas Irmãs de Santa Catarina sob o patrocínio da Caritas. O discernimento pedagógico e o senso maternal da Irmã M. Adelgard logo lhe permitiram encontrar uma maneira de alcançar as jovens emocionalmente feridas e em dificuldades. Trabalhou em Braniewo por dois anos, quando, de forma inesperada, foi enviada a Kętrzyn. Era o ano de 1940. Todas as diplomadas da escola de formação de professoras sabiam tocar piano, então Irmã M. Adelgard pôde utilizar esse instrumento e assumir a função de organista da igreja. O trabalho educativo nas salas paroquiais já era muito difícil e se limitava ao ensino do catecismo. Por qualquer outro motivo de reunião, corria-se o risco de ser presa. Não podendo se dedicar completamente ao seu trabalho, começou a ajudar, sempre mais frequente, a Irmã M. Sekundina nos cuidados ambulatoriais.

No início de 1945, os refugiados que vagavam pelas ruas de Kętrzyn falavam sobre a destruição, os espancamentos até a morte e a crueldade dos soviéticos. Quem caísse nas mãos deles temia o pior. Essa era a principal mensagem que vinha dos refugiados. No entanto, as autoridades alemãs ainda

não concordavam com uma evacuação antecipada. Na segunda metade de janeiro de 1945, ninguém mais tinha controle da situação. As pessoas fugiam, mas as Irmãs permaneciam para socorrer aqueles que precisavam. Aqueles que mais necessitavam de apoio e presença eram os que tinham de permanecer na cidade.

Os eventos de 27/01/1945 foram consequências da escolha consciente das Irmãs de permanecer. O exército soviético, ao ocupar a cidade indefesa, começou uma busca sistemática em cada rua e em cada casa. Ambas as Irmãs foram presas. Seguiram-se interrogatórios, escárnios, estupro e, por fim, foram arrastadas amarradas atrás de um carro. A Irmã M. Adelgard morreu de maneira cruel e humilhante nas ruas da cidade. Todos os relatos enfatizaram a natureza bestial de sua morte. Ela foi enterrada em uma das praças da cidade. Até hoje, o local de seu sepultamento permanece desconhecido.

Irmã M. Aniceta – Klara Skibowska

Nasceu em 12/08/1882, em Bartąg, perto de Olsztyn, filha de Jan e Maria (nascida Freundt), uma de cinco irmãs. Foi batizada na igreja paroquial de São João Evangelista. Tinha um caráter muito alegre e trazia muita alegria para sua casa e para o ambiente ao seu redor. Em 8/10/1902, entrou na Congregação das Irmãs de Santa Catarina, em Braniewo. No ano seguinte, foi admitida no noviciado, recebendo o nome de Aniceta. Em 25/04/1905, fez os votos religiosos.



Logo após a profissão religiosa, foi enviada para uma comunidade de Irmãs em Elbląg, para trabalhar como enfermeira, o que pressupõe que já fosse qualificada para isso. Como enfermeira paroquial, visitava os doentes e fornecia assistência ambulatorial. Assim, começou sua missão, que continuou durante toda a sua vida religiosa. Já no ano seguinte, havia uma necessidade urgente de uma enfermeira na paróquia de São Tiago, em Olsztyn. Consequentemente, em novembro de 1906, ela foi

transferida para lá. Quatro anos depois, foi enviada para Berlim para trabalhar em um sanatório.

Quando, em 1914, explodiu a Primeira Guerra Mundial, o hospital foi transformado em um lazareto militar e a Irmã Aniceta começou a trabalhar intensamente com os soldados feridos. Por esse serviço, recebeu um certificado de mérito. Em um documento assinado por ela, anotou: *“Foi-me concedida a medalha de mérito da Cruz Vermelha”*. As pessoas mais próximas a ela a conheciam como uma pessoa cheia de amor por Deus e as Irmãs recordam que a Eucaristia diária era o centro de sua vida. Ela também se destacava por sua profunda fé e intensa vida de oração.

Depois de ter passado pelo período mais difícil da guerra, em 1916, retornou a Olsztyn para prestar seu serviço entre os doentes e os pobres. Os locais onde trabalhou a seguir, entre os enfermos, foram o hospital de São Jorge, em Pieniężno; a paróquia de Corpus Domini, em Berlim; o hospital de Orneta, além de Olsztyn e Mrągowo. Lembrada como uma pessoa feliz por ajudar os doentes e sempre alegre, em 1934 estabeleceu-se em Lidzbark Warmiński. Seu caráter alegre conquistou as pessoas e sua disposição em ajudar a todos, sem julgar, fez com que ela rapidamente ganhasse uma boa reputação entre os residentes. Ela percebia quem precisava e ia em seu auxílio, especialmente as crianças, pelas quais tinha grande carinho. Dava um belo testemunho de união com Deus, ensinando também a rezar intimamente e a ter um relacionamento pessoal com Deus.

Sua tarefa na paróquia de Lidzbark terminou em 31/01/1945, quando as tropas soviéticas entraram na cidade. Diante do iminente perigo, as Irmãs tiveram a oportunidade de fugir para o Ocidente, mas voluntariamente não consideraram essa possibilidade. A determinada Irmã M. Aniceta disse: *“É meu dever ficar aqui para ajudar os doentes, os idosos, as crianças e os jovens”*. Ela permaneceu, tratando dos feridos até o fim e encorajando e consolando os doentes que não conseguiam enfrentar as dificuldades de uma fuga durante o inverno. Nos seus últimos dias de vida, ela e sua comunidade cuidaram de um grande grupo de refugiados abrigados em seu convento.

Na noite de 2 de fevereiro, quando os soldados soviéticos invadiram o convento, as Irmãs deram prova de grande fé e coragem. Enquanto se mantinham em grupo, os soldados arrancaram à força seus terços, puxaram seus colares religiosos e cintos de suas vestes. Um deles tentou a todo custo puxar

a Irmã M. Aniceta para si, e quando seus esforços falharam, disparou um tiro de revólver em sua direção. Ela caiu ao chão e morreu por causa da hemorragia. Após sua morte, outras duas Irmãs também faleceram.

Não foi possível enterrar os corpos e as Irmãs foram forçadas a deixar o convento. Elas retornaram apenas em junho, mas, a esse ponto, ninguém sabia onde estavam sepultadas a Irmã M. Aniceta e suas duas companheiras.

Irmã M. Gebharda – Maria Schröter

Nasceu em 1º/12/1886, em Karszewo, perto de Młynary. Seus pais, Mikołaj e Anna, batizaram a filha em Błudów, onde se situava a igreja paroquial da Visitação da Bem-Aventurada Virgem Maria. Ela recebeu o nome de Maria. Os pais possuíam uma casa e uma fazenda. Talvez, a presença das Irmãs de Santa Catarina, em Błudów, tenha consolidado seu desejo pela vida religiosa. Sabe-se que alguns anos antes do início da Primeira Guerra Mundial, Maria tomou a decisão de entrar na Congregação das Irmãs de Santa Catarina. O início de sua formação religiosa não foi preservado, mas sabe-se que ela se formou como enfermeira e que, ao entrar no noviciado, já possuía um diploma e uma profissão. Sua formação no noviciado começou em 1914. Ela recebeu o nome religioso de Gebharda.



Após o início da Primeira Guerra Mundial, a pedido de instituições de caridade para ajudar a cuidar dos soldados feridos de várias nacionalidades, a Congregação enviou enfermeiras para cuidar deles. Nesse grupo, havia noviças com as qualificações necessárias, incluindo a Irmã Gebharda. Elas se dirigiram à cidade de Brzeg, na Silésia, para trabalhar em hospitais de campanha. Somente após três anos, as Irmãs puderam retornar às suas comunidades. Foi então que a Irmã Gebharda começou a preparação para os votos, que professou em 26/02/1918.

Foi transferida para Lidzbark Warمیński, em um grande convento. A partir de então, até o fim de seus dias, sua vida e seus serviços apostólicos estiveram ligados a essa cidade. Ela trabalhou em uma casa para idosos, cuidando das necessidades físicas e espirituais dos residentes. Provavelmente, em 1921, enquanto ainda estava nesta comunidade, fez os votos perpétuos.

Após quatro anos, foi novamente enviada para a comunidade de um grande convento e, em 1928, para um colégio feminino. Em 1937, o pensionato foi abolido pelas autoridades nazistas. Desde então, as Irmãs de Santa Catarina acolheram as professoras em sua pensão. Irmã Gebharda cuidava dos residentes e, com a oração de intercessão, atendia as pessoas com suas preocupações. A principal característica de seu caráter era o altruísmo, enraizado em uma profunda fé em Deus. Ela era paciente, equilibrada e sempre disposta a ajudar.

Na segunda metade de janeiro de 1945, o antigo pensionato se encheu de famílias fugindo do leste e do sul da Prússia Oriental. No dia 31 de janeiro, quando os soldados soviéticos entraram na cidade, a casa foi danificada por uma explosão e as pessoas, que ali se hospedavam, buscaram outro abrigo. As Irmãs decidiram ir para um convento maior.

Na noite de 2 de fevereiro, um grupo de soldados e seu comando entraram no convento. Os soviéticos invadiram cada sala. Um grupo de Irmãs foi forçado a entrar no refeitório do convento. Entre elas, estava Irmã M. Gerharda. Os soldados tentaram separar as Irmãs do grupo compacto que se defendia e, não conseguindo, arrancaram seus véus, medalhas religiosas, puxaram suas roupas e rosários. Exprimindo muita raiva, dispararam contra Irmã M. Aniceta Skibowska. Enquanto a Irmã caía ao chão, os soldados entediados deixaram a sala por um momento. Nesse breve instante, Irmã M. Gebharda se aproximou da Irmã que morria, ajoelhou-se ao seu lado e começou a rezar. Em sua vida, ela havia rezado, muitas vezes, ao lado de soldados feridos que havia tratado, visitado doentes e necessitados, e ajudado muitos deles em sua última hora. Naquele momento, foi espontâneo para ela fazer o mesmo. Quando o oficial, que havia atirado em Irmã M. Aniceta retornou ao refeitório, viu a Irmã ajoelhada ao lado da outra. Essa visão o deixou furioso. Ela, no entanto, não interrompeu sua oração, foi atingida no coração e morreu naquele instante. Tinha 59 anos.

Rezar ao lado de uma Irmã que morria, sob a mira de uma arma apontada para ela, foi a última expressão dos inúmeros atos de amor-doação, que ela realizou em favor do próximo.

Irmã M. Sabinella – Rosalia Angrick

Nasceu em 29/09/1880, em Dąbrowa, em Várnia, perto de Braniewo. Seus pais, Antoni Angrick e Amalia (nascida Schulz), possuíam uma grande propriedade agrícola. Rosalia foi batizada na igreja paroquial de Santa Catarina, em Płoskina. Ela tinha seis irmãos e quatro irmãs. Frequentou primeiro a escola primária, em Dąbrowa; e, depois, foi enviada para o colégio em Braniewo. Lá, conheceu as Irmãs de Santa Catarina e, logo, desejou entrar no convento. Isso ocorreu em 14/08/1899.



Em abril de 1900, foi admitida no noviciado e recebeu o nome religioso de Sabinella. Após sua formação, Irmã M. Sabinella emitiu os votos religiosos em 3/04/1902. Ela permaneceu no convento de Braniewo por 11 anos. Durante esse período, completou sua formação em enfermagem e começou a trabalhar no hospital. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi redirecionada para cuidar dos feridos, o que significou quatro anos de intenso serviço de enfermagem nos hospitais de campo. Ao retornar a Braniewo, em 1919, foi enviada para Sątopy, um vilarejo entre Bisztynek e Reszel. Sua tarefa era principalmente fornecer assistência de saúde e espiritual aos doentes e pobres. Irmã empreendedora, ela também era capaz de ajudar os residentes com várias necessidades práticas.

Após 1923, voltou novamente para Braniewo e, em 1926, estabeleceu-se em Lidzbark Warmiński. Foi encarregada de cuidar das moças que estudavam no colégio e que viviam no pensionato. Tornou-se conhecida como uma pessoa muito materna e aberta com as jovens, proporcionando-lhes um senso de segurança e, ao mesmo tempo, guiando-as e educando-as. Ela se preocupava

com seu desenvolvimento e suas necessidades. Em 1939, Irmã M. Sabinella foi nomeada superiora do convento principal da cidade. Suas funções não incluíam apenas a coordenação da comunidade religiosa. As Irmãs também tinham uma grande fazenda. Uma das tarefas da comunidade era também preparar as hóstias e as comunhões. Dessa forma, abasteciam os sacerdotes e as paróquias vizinhas. Além disso, uma parte da casa era utilizada como sala para as moças que estudavam nas escolas da cidade.

No final de 1944, os refugiados provenientes das áreas de fronteira da Prússia Oriental chegaram ao convento. Cada vez mais pessoas, em fuga do Exército Vermelho, passavam pelo convento. Elas precisavam de comida, calor e um momento de descanso. A maioria das Irmãs e Irmã M. Sabinella, se ocupavam dessas pessoas.

Na noite de 2 de fevereiro, um grupo de soldados soviéticos se aproximou do convento. As Irmãs foram reunidas no refeitório. Vendo a situação, Irmã M. Sabinella, em um momento decisivo, disse às Irmãs aterrorizadas: *“É melhor ser fuzilada do que ser desonrada”*.

Os soldados iniciaram várias tentativas de agredir e arrancar as Irmãs do grupo que haviam formado, mesmo com as armas apontadas para elas. A superiora da casa, que defendia as jovens Irmãs, disse a um dos soldados: *“Em vez de atirar nelas, atire em mim!”*. Todas receberam duros golpes com os coronhas dos fuzis e foram puxadas e ridicularizadas. Os soviéticos dispararam contra duas das Irmãs. A próxima vítima foi a superiora da casa, escolhida por um oficial bêbado. Ele disparou cegamente, atingindo-a na artéria carótida. Quando uma das Irmãs tentou deitá-la no chão, o soldado se aproximou e puxou violentamente o corpo da superiora, fazendo sua cabeça bater com força nas tábuas do chão.

Esta mulher experiente de 65 anos, que viveu mais de 40 anos de votos religiosos, deu sua vida para defender as irmãs, que lhe foram confiadas e das quais se sentia responsável. Respeitando a consagração religiosa e a dignidade humana de suas companheiras, não hesitou em estar ao lado delas, protegendo-as e apoiando-as. Irmã M. Sabinella, que viveu seus votos religiosos de forma simples, os renovou da maneira mais bela na hora de sua morte, demonstrando o quanto eles tinham valor para ela.

Irmã M. Bona – Anna Pestka

Nasceu em 1905. Nenhum documento sobre sua formação, sua família e sua infância chegou até nós. Ela foi, provavelmente, admitida na Congregação na primavera de 1929, aos 24 anos. Em 21 de outubro do mesmo ano, Anna foi admitida no noviciado e recebeu o nome de Bona.

Em 30/04/1932, fez sua primeira profissão religiosa. Imediatamente após os votos, foi enviada para trabalhar na administração do hospital municipal de Olsztyn. Desempenhou suas funções de forma profissional, tratando sempre os pacientes com respeito. Ela trabalhava de maneira silenciosa, consciente e muito eficiente. Tentou aproveitar ao máximo as oportunidades disponíveis para servir o hospital, a equipe e os pacientes, com todo o seu empenho. Após três anos de oração e trabalho, professou os votos perpétuos em 30/04/1935.



Em certo momento, Irmã M. Bona adoeceu de tuberculose. Foi internada na ala de doenças infecciosas do hospital em que trabalhava e, depois, em um centro de tratamento em Orneta, que, durante a guerra, se tornou um hospital para tratamento de tuberculose. Não se sabe exatamente quando Irmã M. Bona foi enviada para Orneta, quanto tempo permaneceu lá e se conseguiu retornar à sua comunidade em Olsztyn após períodos de recaída. Sendo uma pessoa muito gentil por natureza, ela sempre demonstrava, através de suas atitudes, estar feliz e contente. Era caracterizada por uma grande alegria e bondade em relação aos que a cercavam. Mesmo gravemente doente, enquanto teve condições, ficava feliz em ajudar os outros pacientes.

É provável que sua saúde tenha piorado consideravelmente em 1944. No momento crítico de 1945, quando o Exército Vermelho se aproximava de Varmia e Masuria, a maioria dos setores de Orneta, junto com as Irmãs de Santa Catarina, iniciou uma fuga a pé em direção a Pieniężno, mas três pacientes acamados permaneceram, sendo M. Bona a mais fraca. A superiora da

comunidade hospitalar, junto com um grupo de Irmãs, decidiu que não abandonaria os doentes mais graves.

Na madrugada de 15 de fevereiro, os soviéticos invadiram os porões. Maltrataram os doentes, dispararam cegamente, rasgaram as roupas das Irmãs e, ao ouvir os gritos dos portadores de deficiência aterrorizados, agrediram todos com ferocidade. Também atacaram as três Irmãs doentes, abusando delas, cortando-as com baionetas e torturando-as da maneira mais brutal.

Irmã M. Bona era fraca demais para se defender, mas lutou desesperadamente por sua dignidade. As Irmãs de Santa Catarina, que conseguiram sobreviver àquelas horas terríveis, não conseguiram encontrar as palavras certas para descrever o que as três Irmãs doentes haviam sofrido.

Depois de sofrer cruéis maus-tratos, com inúmeras feridas, ela suportou seu sofrimento em silêncio por oito semanas, confiando que não seria em vão. Durante longos dias e noites, permaneceu firmemente ancorada na fé. Não permitiu que dúvida, arrependimento ou desejo de vingança a invadissem para pagar os males sofridos. As Irmãs que cuidavam dela ressaltaram que ela confiava na misericórdia de Deus, esperando o Senhor com desejo e alegria, até que o seguiu plenamente em 1º/05/1945, aos 40 anos. Com sua atitude, testemunhou que, mesmo numa experiência como essa, é possível tirar o bem, sem responder ao mal com violência e ódio.

Após a exumação, em dezembro de 2020, seu corpo foi transferido para o cemitério do convento de Braniewo.

Irmã M. Gunhild – Dorothea Steffen

Nasceu em 2/09/1918, em Wola Wilknicka, perto de Pieniężno, sendo a mais nova de sete irmãos. Não foram preservados os registros de batismo, e é difícil determinar onde foi batizada. Seus pais, Anton e Klara (nascida Graf), tinham uma fazenda. Após concluir o ensino fundamental, frequentou a escola secundária em Pieniężno. Já durante a escola, buscou contato com as Irmãs



de Santa Catarina. Aos 19 anos, Dorothea ingressou na Congregação das Irmãs de Santa Catarina. Em 1º/04/1937, iniciou sua formação no postuladado e, no dia 25 de outubro do mesmo ano, durante sua profissão, adotou o nome religioso de Maria Gunhild.

Antes mesmo de ela fazer os votos, a Segunda Guerra Mundial eclodiu, e o ritmo da vida religiosa foi perturbado. Um grande grupo de refugiados poloneses chegou ao convento, e parte das instalações foi transformada em um hospital temporário para os habitantes de Braniewo. No dia marcado para a celebração de seus primeiros votos religiosos, no setor de doenças infecciosas do convento, chegaram as primeiras crianças afetadas pela difteria. Nesse clima, Irmã M. Gunhild pronunciou os votos temporários, em 26/10/1939, e foi designada para o trabalho educacional com as crianças. Ela é lembrada como uma freira encantadora e modesta que, segura de sua escolha de vida, realizava suas tarefas com consciência e alegria. Dedicou-se incansavelmente ao trabalho que lhe foi confiado com as crianças, era uma boa professora e amava o que fazia. Era uma pessoa querida e respeitosa com os outros, valorizando a bondade daqueles que a cercavam.

A limitação do trabalho das Irmãs na área educacional pelas autoridades nazistas foi o motivo pelo qual ela foi transferida para a comunidade do hospital municipal de Olsztyn. Em 1941, assumiu um trabalho de escritório na administração do hospital. Foi lá que contraiu tuberculose. Ela foi internada em um setor do hospital de Lidzbark Warmiński e depois esteve por um período de descanso em Gietrzwałd. Em determinado momento, devido ao agravamento da doença, foi enviada para o hospital de tuberculose de Orнета. A doença não a afastou completamente da vida. Com sua atitude de alegria e seu modo de agir, ela fez todos sentirem a proximidade de Deus. Mesmo estando doente, ajudava de bom grado quem mais sofria.

No inverno de 1944, quando a situação dos habitantes da Prússia Oriental se tornou cada vez mais difícil, ela atravessou uma fase aguda de tuberculose. Em janeiro de 1945, ocorreu a evacuação dos residentes e da equipe de Orнета. Permaneceram os doentes mais graves, que não conseguiam enfrentar as dificuldades da fuga a pé, mas tiveram que se transferir para os porões. Um grupo de Irmãs decidiu ficar com os seus assistidos e continuou a cuidar deles.

No dia 15 de fevereiro, os soviéticos entraram no porão do hospital. Irmã M. Gunhild defendeu-se desesperadamente dos abusos. Foi severamente espancada e também atingida por disparos. Provavelmente apenas à tarde, aproveitando a ausência temporária dos soldados, as outras Irmãs conseguiram alcançar as três Irmãs massacradas. Irmã M. Gunhild jazia em uma poça de sangue que escorria dos ferimentos sobre o colchão e o chão. Ela havia recebido um golpe no peito, na clavícula e no antebraço.

Quem conhecia a Irmã M. Gunhild sabia que ela tinha uma alma muito sensível. Sua fé na presença e na orientação de Deus, enraizada desde a infância, era mais forte que a dor constante que a acompanhava. Ela trocava o desespero e a profunda dor por uma confiança consciente em Deus. A elevada perda de sangue, a falta de medicamentos, a má alimentação e a tuberculose fizeram com que, apesar de seu corpo jovem, ela não conseguisse se recuperar. Morreu após 15 semanas de sofrimento, no dia 30/05/1945. Foi sepultada no cemitério de Ornetá. Tinha 27 anos.

As Irmãs que a acompanhavam não conseguiram esquecer o que havia acontecido e a atitude da Irmã M. Gunhild, sua calma e sua confiança na escolha do bem sobre o mal. Isso significa que ela havia perdoado completamente seus algozes. Em dezembro de 2020, seus restos mortais foram transferidos para o cemitério do convento de Braniewo.

Irmã M. Rolanda – Maria Abraham

Nasceu em 17/06/1914, em Tolkmicko, no lago Vístula, como a primogênita de três filhos de Józef e Anna (nascida Zimmermann). Seus pais pertenciam à parte mais pobre da cidade, e seu pai era um marinheiro que partia para longas viagens. No momento do batismo na igreja de São Tiago Apóstolo, recebeu o nome de Maria. Ela e seus irmãos frequentaram a escola primária em Tolkmicko, e isso foi provavelmente tudo em termos de educação, uma vez que não havia escolas secundárias na cidade.



Ao mesmo tempo, a família não podia arcar com os custos da educação secundária. Maria associou sua infância e juventude ao Sodalício Mariano. Durante a infância, conheceu as Irmãs de Santa Catarina e, crescendo, convenceu-se de que queria abraçar a vida religiosa.

Em 1933, após superar muitos obstáculos, foi acolhida na Congregação das Irmãs de Santa Catarina em Braniewo. Após os estudos de enfermagem em Berlim e um primeiro período de postulante, foi admitida no noviciado em 29/04/1936, recebendo durante os votos o nome de Maria Rolanda. Pronunciou os primeiros votos em 2/05/1938 e foi enviada para seu primeiro trabalho em Frombork, onde começou a trabalhar em uma clínica ortopédica como enfermeira especializada em massagens. Era uma pessoa de bom coração, se destacava pela autoconfiança e prudência. No desempenho de suas funções, sabia como tratar dos doentes e como se comunicar com eles. Ao final dos três anos de votos religiosos, pôde renová-los para o resto de sua vida, professando os votos perpétuos em 1941.

Os tempos da Segunda Guerra Mundial foram muito difíceis para qualquer atividade religiosa. As dificuldades não pouparam nem mesmo o instituto ortopédico, onde as autoridades nazistas tentaram impor suas ideias. O estresse contínuo no trabalho, as dificuldades e um forte resfriado, provavelmente não tratado, fizeram com que a Irmã M. Rolanda contraísse tuberculose. Em 1943 ou 1944, precisando de tratamento especializado, foi enviada a um sanatório em Orneta. Após os tratamentos periódicos, quando sua saúde permitia, continuou a trabalhar na clínica de Frombork. Quando se sentiu mais fraca e os sinais da doença retornaram, ela voltou a Orneta. Apesar de todos os problemas, continuou a ser uma pessoa feliz, sentindo-se bem com sua vocação.

Na última fase da guerra, no início de 1945, ela estava em Orneta para receber tratamento e, não podendo fugir a pé, permaneceu com um grupo de doentes mais graves, ao lado das Irmãs M. Bona e M. Gunhild.

Em meados de fevereiro de 1945, na colina de Santo Andrea, um grupo de soldados, que ocupava os edifícios do sanatório, matou os indefesos, esfaqueando-os com baionetas e cometendo atos de vingança. A irmã da Irmã M. Rolanda foi submetida a longas e brutais torturas, incluindo estupros e agressões. A monstruosidade desse episódio é difícil de descrever, provavelmente porque durou muito tempo e envolveu um número maior de soldados. Como

ela tentou se defender desesperadamente, foi severamente espancada no rosto, até ficar completamente irreconhecível. Seu rosto ficou impiedosamente inchado e cheio de edemas. Sem remédios ou outros suprimentos médicos, exposta ao frio e com restos de comida, permaneceu circundada pela presença de suas Irmãs, que nada podiam fazer, somente oferecer atenção e cuidado.

Após essa experiência traumática, a Irmã M. Rolanda ainda tinha uma longa jornada pela frente, que durou 19 semanas. Sua segurança, calma e total ausência de reclamações, visíveis externamente, demonstraram que ela havia perdoado seus algozes. Ela adormeceu serenamente em 25/06/1945, aos 31 anos.

Após 75 anos, seus restos mortais foram transferidos para o cemitério do convento de Braniewo.

Irmã M. Charitina – Jadwiga Fahl

Nasceu em Miejska Wola, em 10/03/1887. Foi batizada na igreja paroquial de São Lourenço em Mingajny, perto de Orneta, onde recebeu o nome de Jadwiga. Seu pai, Anton Fahl, era professor de escola primária, enquanto sua mãe, Maria Trebbau, faleceu quando Jadwiga ainda era criança.

Cresceu em uma família numerosa, pois o pai se casou novamente. Seus pais se esforçaram para dar a todos os filhos uma adequada educação cristã e, dentro das condições da época, uma boa base para seus estudos. Suas duas irmãs mais velhas entraram no convento de Braniewo. Em pouco tempo, Jadwiga também expressou o desejo de ingressar na Congregação das Irmãs de Santa Catarina. Como postulante, frequentou o seminário para professores em Braniewo. Após receber o diploma de Estado, foi admitida no noviciado no dia 1º/04/1910. Juntamente com o hábito religioso, recebeu o nome de Caritina. No dia 29/04/1912, pro-



nunciou os votos religiosos. Permanecendo em Braniewo, foi enviada para trabalhar como educadora em um colégio feminino. Durante a Primeira Guerra Mundial, também foi enviada para cuidar de soldados doentes e feridos no hospital militar de campanha.

Em 1917, foi transferida para Kętrzyn. Sua principal tarefa era a instrução religiosa e o trabalho educativo. Ela se interessava por música e compartilhava seu talento versátil com crianças e jovens, organizando encontros, espetáculos e atividades extracurriculares. Assim, passaram-se 14 anos de trabalho catequético, educativo e pastoral. Em novembro de 1931, recebeu a função de secretária geral.

Enquanto trabalhava em Braniewo, em 1933, teve a oportunidade de viajar com um grupo de peregrinos de Varmia para Roma, para a celebração do Ano Santo. Um ano depois, acompanhou a Superiora Geral em uma viagem ao Brasil para visitar as comunidades locais das Irmãs de Santa Catarina. Uma nova etapa de sua vida e um novo desafio começaram em 1940, quando foi eleita Vigária-Geral. Seu ministério coincidiu com os difíceis anos da Segunda Guerra Mundial e, ao mesmo tempo, com a perseguição à Igreja.

Irmã M. Charitina foi uma pessoa devota em sua vida religiosa. A característica mais evidente de sua espiritualidade era o amor a Deus e ao próximo, que se manifestava, principalmente, na fidelidade à sua vocação religiosa, aos seus votos e às suas orações, além de demonstrar bondade e compreensão, especialmente, em relação às Irmãs doentes e idosas. Além disso, ela transmitia muita proximidade e amor materno aos mais jovens.

Em janeiro de 1945, com a entrada do Exército Vermelho na Prússia Oriental, os primeiros refugiados chegaram a Braniewo trazendo notícias assustadoras sobre o comportamento dos soviéticos. A partir de fevereiro, as bombas começaram a cair sobre a cidade. Entre um ataque e outro, a Irmã M. Charitina conseguiu limpar o cemitério das Irmãs, onde uma bomba havia destruído várias fileiras de sepulturas. Muitas Irmãs deixaram Braniewo para cuidar de órfãos e idosos. Elas se dirigiram para o norte, em direção aos portos marítimos, pois essa era a única rota de fuga restante. No dia 22/02/1945, as autoridades alemãs emitiram uma ordem de evacuação completa dos habitantes de Braniewo. O último grupo de Irmãs, juntamente com a Madre-Geral e a Irmã M. Charitina, teve que deixar o convento. Após muitas difi-

culdades, elas conseguiram chegar a Gdańsk. Lá, os soldados soviéticos entraram no dia 28 de março. Havia destruição, violência constante e morte.

Nos primeiros dias de junho, na periferia de Gdańsk, em Brętowo, as Irmãs experimentaram outra incursão de uma patrulha soviética. Os soldados começaram a procurar as Irmãs mais jovens. Então, a Irmã M. Charitina se levantou, bloqueando o caminho dos homens. Furiosos, os soviéticos começaram a puxá-la e, incapazes de resistir, a agrediram com a culatra dos fuzis. Com coragem, ela defendeu as jovens mulheres, usando seu corpo como escudo. Recebeu vários golpes, fazendo com que muito sangue escorresse de sua boca e nariz. Morreu poucos dias depois, em 5/06/1945, após muito sofrimento, devido a lesões internas. Tinha 58 anos.

Foi sepultada no cemitério próximo. Por 75 anos, seus restos mortais repousaram no antigo cemitério da igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Após a exumação, realizada em julho de 2020, foram transferidos para uma sepultura no cemitério conventual de Braniewo.

Irmã M. Xaveria – Maria Rohwedder

Nasceu em 25/05/1882, em uma rica família de proprietários de terras em Płoskinia, perto de Braniewo. No batismo, na igreja de Santa Catarina, recebeu o nome de Maria. Era a mais nova da numerosa família de Peter e Joanna (nascida Marquardt). Depois de completar a escola em Płoskinia, foi enviada para o liceu em Braniewo. Formou-se em um seminário para professores e começou a trabalhar em uma escola em Pieniężno. Também trabalhou na Silésia, como governanta em uma das grandes propriedades. Em 1903, retornou à casa da família e entrou no convento em 15/08/1904. Na época, tinha 22 anos. Em 1905, foi admitida no noviciado, onde recebeu o nome de Xaveria. Em 24/04/1907, fez os votos religiosos.



Em linha com a educação recebida, começou a trabalhar em um colégio feminino em Braniewo. Provavelmente em 1921, foi nomeada mestra do postulante. Ela conseguiu preparar de forma excelente as candidatas para a vida religiosa. Foi eleita pelas irmãs para o Governo-Geral e, com seu jeito, inspirava respeito.

Em 1935, tornou-se Superiora do antigo convento de Braniewo. Tinha uma boa reputação entre as Irmãs e os leigos, pois possuía tato, boas maneiras e naturalidade em suas ações cotidianas. Seu próximo local de missão, provavelmente em 1942, foi Orneta, onde foi nomeada Superiora das Irmãs do hospital na Colina de Santo Andrea. Lá, enfrentou muitas dificuldades por parte da Gestapo (polícia secreta do regime nazista na Alemanha), pois se opôs firmemente ao plano de deportar um grande grupo de doentes mentais para um extermínio. As autoridades estatais a forçaram a deixar Orneta. Foi enviada para o hospital de São José, em Dobre Miasto. Sua tarefa era cuidar da comunidade religiosa e ajudar na organização cotidiana do hospital.

Em meados de janeiro de 1945, diante das rápidas mudanças na linha de frente da guerra, quando muitos habitantes da cidade começaram a fugir desesperadamente, as Irmãs decidiram permanecer com os doentes que estavam assistindo. Após a entrada do exército soviético e as numerosas represálias que se seguiram, elas foram enviadas para Olsztyn para serem interrogadas. Lá, os soviéticos, percebendo que estavam lidando com enfermeiras, as direcionaram para cuidar dos cavalos doentes da divisão de cavalaria.

No final de março, quando os franciscanos começaram a organizar um hospital polonês em Olsztyn, contrataram um grupo inteiro de Irmãs de Santa Catarina. Graças a isso, as Irmãs tinham um teto para se abrigar. Ao final da guerra, o novo prefeito de Dobre Miasto as encontrou e pediu ajuda para organizar o hospital destruído. Assim, a Irmã M. Xaveria retornou a Dobre Miasto em 2/09/1945, e, junto com as Irmãs, conseguiu preparar a estrutura hospitalar, provisoriamente, para acolher os pacientes. Com sua capacidade de organização, ela conseguiu se desvencilhar das dificuldades do trabalho emergente. Após algum tempo, um novo médico distrital de convicções comunistas decidiu afastar as “Irmãs alemãs”. O principal problema da Irmã M. Xaveria era seu fraco conhecimento da língua polaca, o que a obrigou a deixar Dobre Miasto, deixando as outras Irmãs para trás.

Em novembro de 1945, surgiu a oportunidade de embarcar para a longa viagem para a Alemanha. Quando o trem proveniente de Olsztyn parou em Iława, durante a inspeção, um dos soldados soviéticos entrou e se jogou sobre a Irmã M. Xaveria, tentando abusar dela diante de todos. Quando a Irmã começou a se defender desesperadamente e o agressor não conseguiu seu intento, ele a jogou no chão do vagão e começou a agredi-la, atingindo-a duramente no estômago com um fuzil. Ela também recebeu um golpe no rosto. Depois, o soldado saiu e, ao voltar pouco tempo depois, vendo que ela ainda estava viva, começou a chutá-la e a agredi-la. Ninguém foi capaz de ajudá-la.

Quando o trem chegou a Pila, a Irmã M. Xaveria não conseguia mais beber água. No entanto, ela permanecia paciente e calma. Pouco antes de morrer, começou a rezar o rosário e, em seguida, a oração do Pai-Nosso por aquele que lhe causou tanto sofrimento. Segundo uma testemunha, muitas pessoas choravam ao vê-la rezar daquela maneira. Ela adormeceu serenamente. Tinha 63 anos. Quiseram enterrá-la com dignidade, mas descobriram que o comboio estava prestes a prosseguir. A única coisa que puderam fazer foi jogá-la perto dos trilhos. Os viajantes partiram, levando consigo, para sempre, a cena de perdão à qual haviam assistido. Era por volta de 25/11/1945.

Nota:

NKVD, sigla para o Comissariado do Povo para Assuntos Internos da União Soviética, que incluía a polícia e a polícia secreta soviética.

Durante a audiência concedida ao Cardeal Marcello Semeraro, Prefeito do Dicastério para as Causas dos Santos, no dia 14/03/2024, o Papa Francisco autorizou o referido Dicastério a promulgar alguns decretos. Um deles diz respeito ao martírio das Irmãs de Santa Catarina, mortas no final da Segunda Guerra Mundial, em Várnia, por soldados soviéticos. Trata-se da Irmã Christophora Klomfass e suas 14 companheiras.

Na alegre espera pela beatificação, que ocorrerá em 31/05/2025, em Braniewo, na Polônia, queremos honrar o Salvador, que, nestas mártires, mostrou a sua vitória, e, ao mesmo tempo, nos convida a um breve momento de reflexão sobre essas mulheres que sacrificaram suas vidas pela fé, pela Igreja, pelos irmãos.